

dad del libro se la da, paradójicamente, su carácter de *viaje*, de desplazamiento del sujeto poético. El yo es un peregrino que fatiga tiempos, lugares, lenguajes, ritmos distintos a la caza del sentido final de su recorrido. ¿Acaso el conocimiento? El poema que cierra *Milongas...* parece indicar una decepción al respecto: “¡Cuánto tiempo ha pasado, lunas y estaciones para rever/lo antiguo! ¿Hace mucho que Colón se voló?/Por mi parte nunca he descubierto nada”. ¿Acaso el amor? Si leemos “Amundsen” creemos que sí: “Solo amor nos reclama./Tú diriges potente la brújula. Así sea”; aunque también es cierto que “Somos exploradores” (“Epistolario”) y que “nos concedemos al error” (“Casas y casos”). El amor atrae más como posibilidad, como sueño inasible, que como realidad; solo así se comprende el sutil erotismo que impregna algunos de los mejores versos del libro. No obstante, el viaje no puede detenerse a riesgo de engendrar más dolor: “No vivo de ayer, ni de mayos olorosos o a la orilla de inviernos distantes” (“Nocturnos”). El derrotero es rico en sensaciones y conceptos para el lector, quien no cuenta con un índice que disponga rigurosamente su lectura, por lo que cada poema de *Milongas y otros ritmos* opera como una postal de un viaje emprendido por el autor a las regiones más profundas de la experiencia humana moderna.

Fernando Rodríguez Mansilla

Maria Luiza Guarnieri Atik: Vicente do Rego Monteiro—um brasileiro da França. Editora Mackenzie, São Paulo, 2004, 222 pp.

Vicente do Rego Monteiro — pintor e poeta pernambucano radicado na França nas primeiras décadas do século XX — é o ponto de mira deste estudo levado a bom termo por Maria Luiza Guarnieri Atik — Diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Apresentada originariamente como Tese de Doutorado, defendida na Universidade de São Paulo, a pesquisa estende-se agora num âmbito mais vasto, oferecendo a um número mais expressivo de leitores um precioso manancial de informação e de análise.

O título da obra — *Vicente do Rego Monteiro — um brasileiro da França* — inscreve-se numa perspectiva em que o autor em pauta se modela a exemplos dos dois países — Brasil e França —, a pátria que o viu nascer em plagas pernambucanas e o espaço cultural onde teve início o processo de sua formação artística.

Porque amplos, os horizontes visados pela obra abarcam um sem número de investigações, desafiam especulações persistentes, construindo-se, por isso, à maneira de um feixe de relações múltiplas.

Apreendidas com profundidade pela autora do livro, essas relações situam a obra de Rego Monteiro, nas feições plástica e poética, numa faixa de valores de relevante importância no cenário internacional da arte.

Levando todo um conjunto de ponderações às raias de uma reflexão crítica — esta entendida como um

exercício que se abre para possíveis desdobramentos —, Maria Luiza entremeia seu texto de telas as mais expressivas da arte plástica do pintor. Desse complexo resulta um livro bellissimo, confeccionado com um requinte artesanal de fino gosto e de sóbria elegância — mérito também dos valiosos préstimos da Editora Mackenzie.

Poemas, traduções e textos críticos de autoria de Rego Monteiro, dispersos entre Recife e Paris, fixam-se como objeto de análise ou como instrumental de “reconstituição do itinerário de um poeta cuja obra nasce de relações complexas entre o mundo vivido e a linguagem plástica”, no dizer de Maria Luiza.

O artista que reuniu os conhecimentos que lhe foram possíveis, enquanto assimilava as tendências do início do século XX em Paris, não poderia deixar de se derramar no domínio da pintura e da literatura. Associa magistralmente as duas manifestações artísticas.

Desse campo de mergulho e de sondagem lega ao mundo da arte uma nova iluminação singular como poucas. Para isso acena o olhar crítico da autora — olhos ardendo no ardor de varar as profundezas —, espiando para além dos limites de um horizonte imediato.

É esta, por certo, a postura que demonstra o empenho do pesquisador minucioso. A ele interessa desvendar e apresentar, através da matéria-prima que andou garimpando, novas feições da obra, com o propósito de enriquecê-la no processo interpretativo.

Assim, as doze obras poéticas em Língua Francesa passam pelo crivo do rigor científico aliado à sensibilidade

da autora diante do texto literário. E resulta patente a ligação muito exata entre os poemas e a produção plástica do escritor.

Das análises decorre ainda para o leitor um convite à percepção de uma boa dose de transferência, quer dizer, de evocações colhidas aqui e lá — no Brasil e na França — o endereço do escritor mudando ao sabor de suas disposições, das circunstâncias históricas e até mesmo das conveniências do seu bolso.

Em 1941, quando publica seus *Poemas de bolso*, o pintor desponta como poeta no cenário nacional. A influência francesa não lhe impediu o engajamento a valores ligados ao solo pátrio. Assim, uma espécie de retomada de consciência da realidade nacional inclina-o ao interesse por uma das três culturas que construíram o Brasil — o feito da nação: o negro africano, o indígena autóctone, o branco europeu.

Exemplo desse interesse é uma coletânea intitulada “Quelques visages de Paris”, composta de dez poemas e completada por “croquis” de iguais dimensões, na qual o poeta, em fértil criatividade, descreve as supostas sensações e impressões de um chefe indígena diante das belezas contempláveis da capital francesa.

Detendo-se nesse particular, destaca-se a minúcia descritiva com que Maria

Luiza explora o caminho das estratégias e das táticas de composição de Rego Monteiro — exercício, aliás, apresentado sábia e reiterativamente pela autora em torno de outras composições do pintor-poeta.

Sabe-se que a elaboração da mensagem não pode prescindir da utilização de elementos que determinam

ou potencializam a leitura da obra em destaque. Existe, assim, um contexto presidindo a constelação dos sentidos a serem captados pelo leitor. Esse contexto — configurado nas propostas das vanguardas européias e dos cubistas franceses — é matéria também minuciosamente explorada pela autora.

Estamos, pois, diante de uma obra que se recomenda por uma variedade de relevantes razões, entre as quais o mérito do desvelamento de uma composição poética rara, praticamente inédita.

De interesse especial para os devotados às Artes e às Letras, o livro de Maria Luiza Guarnieri Atik é digno de figurar entre o que de melhor vem sendo produzido no espaço universitário.

Elisa Guimarães

Luciano Morbiato (ed.): Scartafaccio d'agricoltura. Manoscritto di un contadino di Spiné di Oderzo (1805-1810) (Cultura popolare veneta. Collana di studi e ricerche sulla cultura popolare veneta realizzata su iniziativa della Regione Veneto. Nuova serie 15). Fondazione Cini — Regione del Veneto — Neri Pozza Editore, Vicenza, 1998, 199 pp.

Abbiamo davanti un'edizione critica di un insieme di riflessioni sulle tecniche agricole. L'opera di un anonimo contadino opitergino dell'inizio dell'Ottocento é ben inseribile nella ricca trattatistica georgica. Il motivo di interesse dalla parte del curatore Luciano Morbiato é costituito dal caso che un lettore ha prodotto il proprio testo. Infatti, un contadino ha fatto un manoscritto su richiesta di un padre se-

condo il quale (lui) “fosse abile e capace da formar un picciolo scritto a utile alla agricoltura” — come leggiamo l'introduzione dell'anonimo. Il testo — che é conservato nella Biblioteca dell'Orto Botanico dell'Università di Padova — scoperto dall'erudito veneziano Emilio Teza nel 1894 é diviso in 201 capitoli e ogni pagina della trattazione rispecchia una devozione che ripercorre principalmente nei primi 31 capitoli collegando l'agricoltura con l'opera della creazione divina. Il racconto sacro della Bibbia sembra un modello letterario per l'anonimo sconosciuto, che é stato poi battezzato “Maso” dal Teza. Soprattutto il Vecchio Testamento é presente dappertutto nella trattazione. Il testo di Maso ci informa sulle esperienze di tutta una vita, sulla tecnica di coltivazione della vite, del granoturco, sulla vinificazione e sulla pratica di lavori campestri in genere.

Il manoscritto é tenuto degno di una edizione filologica dal comitato scientifico della collana probabilmente soprattutto per la sua preziosità dal punto di vista linguistico. “Si tratta di un bell'esempio di italiano popolare, quanto si vuole rozzo e sgrammaticato, ma aderente agli argomenti svolti e di grande efficacia. [...] Simili varianti linguistiche dei semicolti sono da un trentennio oggetto di un assidue analisi [...]” — troviamo nella premessa di Manlio Cortelazzo. Luciano Morbiato, ricercatore in scienze letterarie e tecniche dell'interpretazione, nel suo saggio di 50 pagine rileva minuziosamente le caratteristiche del testo duecentenne, continuando e nello stesso tempo analizzando il lavoro iniziato dal Teza, ne raccoglie gli antecedenti possibili e ne scopre le influenze formali e inerenti nel contenuto. Per tro-